

MARINGÁ E A REDE URBANA REGIONAL: RESGATE HISTÓRICO-GEOGRÁFICO¹

ENDLICH, ANGELA MARIA²

RESUMO: Este artigo trata da produção espacial de Maringá e da região na qual se insere, enfocando os agentes e as diretrizes desse processo, caracterizando a rede urbana constituída e buscando ressaltar elementos necessários para a leitura geográfica atual.

PALAVRAS-CHAVE: Rede urbana, produção do espaço, urbanização.

ABSTRACT: This paper is about Maringá's spatial production and region where this town is part of, focusing the agents and principles of such process, characterising the urban network and emphasising the necessary elements for the present geographic reading.

KEY WORDS: Urban network, spatial production's, urbanisation.

1 INTRODUÇÃO

*Maringá do pioneiro
De além mar e brasileiro,
no tempo que era serião...
Lutando por tua glória,
Escrevendo a tua história,
Com uma enxada na mão...
(Jorge Ferreira Duque Estrada)*

Muito já se escreveu sobre o Norte do Paraná, região onde está situada a cidade de Maringá e uma articulada rede urbana, produzida simultaneamente ao processo de efetiva ocupação econômica capitalista³.

O significado desta região para a história do Paraná é relevante por diversas razões, já que grandes transformações ocorreram no cenário estadual a partir da constituição da mesma. Houve um aumento progressivo das taxas demográficas e do número de cidades. A economia paranaense foi aquecida pela cultura cafeeira, suporte econômico principal da produção espacial da região Norte, em sua origem.

Neste artigo não se tem como objetivo recontar toda a história da região, mas apenas recuperar alguns elementos importantes para a compreensão da composição geográfica atual. Busca-se marcas decorrentes do passado que ainda se fazem presentes na forma espacial. Interessa, verificar como foi constituída a rede urbana regional e o contexto em que surgiu a cidade de Maringá. O desvendar de eventos passados

¹ Artigo adaptado a partir do primeiro capítulo da dissertação de mestrado: *Maringá e o tecer da rede urbana regional*, apresentada à Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, sob a orientação da professora Maria Encarnação Beltrão Spósito.

² Docente do Departamento de Geografia - Universidade Estadual de Maringá.

³ Esta forma de ocupação deve ser apresentada como efetiva para contrapor-se às ocupações anteriores, por parte dos indígenas e as várias reduções jesuítas, destruídas por bandeirantes paulistas. A história da ocupação não se inicia com a exploração capitalista, ela apenas ganha maior intensidade e ritmo, produzindo um espaço cujo conteúdo é bastante diferente. Por esta razão ganha destaque neste trabalho.

apresenta como finalidade conhecer a geografia humana produzida. Busca-se, portanto, o enfoque histórico da produção social do espaço.

2 A GEOGRAFIA HUMANA PRODUZIDA⁴

A história do Paraná torna-se mais dinâmica com a ocupação efetiva da região Norte do Estado. Nicholls (1971) afirma que o Paraná tinha uma economia precária até 1930. A partir de então, há uma verdadeira revolução na economia deste Estado, cuja alavanca principal foi a atividade econômica cafeeira. A região Norte formou-se neste contexto, envolvendo uma área de aproximadamente cem mil quilômetros quadrados⁵. Consolidou-se, posteriormente, com a aplicação dos recursos drenados das atividades agropecuárias para atividades urbanas. Simultaneamente à ocupação desta região, ocorre a constituição de sua rede urbana.

O espaço, que envolve a região em questão, passou por radicais transformações em poucas décadas. Uma densa floresta cedeu lugar a lavouras, principalmente de café, mas também de algodão. Além disso, surgiram vários núcleos urbanos.

Maack (1968:82-124) lembra a imponente mata pluvial-tropical da região de Maringá, bem como as condições naturais favoráveis à ocupação agrícola de todo o Norte do Paraná, para este autor, determinantes para o seu desenvolvimento econômico. Segundo o mesmo, a modificação da paisagem primitiva do Paraná foi tamanha que os viajantes que conheceram o Estado há trinta anos não reconheceriam mais os lugares antes palmilhados⁶.

Na realidade, as condições naturais, determinantes para Maack, representam apenas um dos vários fatores que inter-relacionados deram forma ao referido espaço. Padis (1981), embora admita dificuldade para tal, resume os fatores mais significativos nesse processo histórico-geográfico:

Determinar quais teriam sido as verdadeiras causas desse fenômeno ímpar na história do nosso País, não constitui tarefa das mais fáceis, pois ele foi resultante da conjugação de vários fatores, dentre os quais podem ser destacados: a qualidade das terras, a situação da economia nacional no contexto internacional, depois da crise de 1929, a evolução da cafeicultura paulista neste período, e, talvez de modo especial, o surto de industrialização de São Paulo, a partir da década de trinta.⁷

Portanto, na visão deste autor, aliam-se fatores naturais, econômicos e históricos na produção espacial da região Norte do Paraná.

Nicholls (1971) ressalta a rapidez da ocupação desta área, tanto que a compara com a famosa marcha para o oeste nos Estados Unidos, demonstrando que aqui o ritmo foi ainda mais intenso. Padis (1981) assinala que em menos de quarenta anos, uma área

⁴ Compreende-se como geografia humana não apenas o conjunto de conhecimentos científicos acerca do espaço geográfico, mas a própria configuração deste espaço. Esta concepção de geografia humana está presente em SOJA (1993), como pode se verificar na seguinte passagem (sobre os períodos de reestruturação do capitalismo e suas relações com a forma urbana): "Cada qual gera também uma expressiva recontextualização da espacialidade da vida social, uma geografia humana diferente" (p.210). Em página anterior, o mesmo autor deixa esta concepção mais clara ao associar a geografia humana à espacialidade concreta: "A espacialidade concreta - a geografia humana efetiva - é, pois um terreno competitivo de lutas pela produção e reprodução sociais, de práticas sociais que visam, quer à manutenção e reforço da espacialidade existente, quer a uma reestruturação significativa e/ou a uma transformação radical." (p.158). Estes excertos encontram-se em: SOJA, E. *Geografias Pós-modernas* (sem grifos no original)

⁵ Informação extraída de COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*, p.33.

⁶ Deve ser lembrado que MAACK fez esta observação em 1968. Somam-se mais 30 anos de transformações espaciais.

⁷ PADIS, A.C. *Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná*, p.83.

de aproximadamente 71.637 quilômetros quadrados, correspondente a 36% do território paranaense, antes uma densa mata, despovoada, conta em 1960 com 1.843.000 habitantes, o que significava 34% da população estadual.

A geografia e a história da ocupação do Norte do Paraná atraem, portanto, atenção por várias razões: resulta de um crescimento econômico e demográfico, verificado logo após o período da crise mundial de 1929; o ritmo intenso das transformações espaciais era inédito até então; confluência espaço-temporal de fatores favoráveis e loteamentos baseados em pequenas propriedades.

Esta última característica levou a mencionada região a alimentar expectativas de transformações sociais. Foi considerada a *terra da esperança* por Valverde⁸, que assim argumenta:

*(...) pode se afirmar que a sociedade rural do Norte do Paraná é mais democrática do que a do planalto paulista em geral, embora esteja baseada no mesmo produto agrícola: o café. O regime de propriedade predominante no primeiro gera contratos e relações de trabalho entre os proprietários da terra e os trabalhadores rurais em que quase não há superioridade econômica entre uns e outros. A riqueza está mais bem distribuída e a classe mais pobre tem oportunidade de ascender econômica e socialmente. Esse é um fenômeno social raro no Brasil. O Norte do Paraná é por isso, a terra da esperança.*⁹

Tais expectativas decorrem dos empreendimentos fundiários, baseados em pequenas propriedades agrícolas, fato incomum no Brasil dos grandes latifúndios.

Os periódicos regionais de divulgação da década de 60 também veiculavam esta forma de pensar, associando a *colonização* empreendida por Companhias através de pequenas propriedades com a realização de uma reforma agrária, como por exemplo: "*Aqui se fez Reforma Agrária*", subtítulo de uma reportagem denominada "*Norte, Odisséia e Milagre*"¹⁰.

A constituição da região Norte do Paraná compreende momentos e formas de ocupação diferenciadas que acabam por dividi-la em três partes, conhecidas como Norte Velho ou Pioneiro; Norte Novo e Norte Novíssimo.

O Norte Velho ou pioneiro resulta do período 1860-1925, em que o Estado do Paraná começou a produzir café como expansão das lavouras paulistas¹¹. Neste primeiro momento, a ocupação ocorreu sem planejamento, de forma intensa e desordenada.

Este fato preocupou as autoridades estaduais que tomaram providências quanto à regulamentação das vendas de terras devolutas. Portanto, a partir de 1930 há uma ocupação organizada do setentrão paranaense, através de empresas privadas que obtiveram concessões por parte do governo paranaense. O Norte Novo é resultado desta forma de ocupação.

Desta forma, o que acabou caracterizando a ocupação mais recente do espaço no Norte paranaense foi a atuação de empresas colonizadoras capitalistas, como a *Brazil Tokusyoku Kumiai* - Bratac, a *Nambeï Tochi kabushiki Kaiasha*, a Colonizadora Vale do Ivaí Ltda e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CMNP. Esta última foi a que ganhou maior destaque.

⁸ VALVERDE, O. apud ALEGRE, M. e MORO, D. A. A mobilidade da população nas antigas áreas cafeeiras do Norte do Paraná. *Boletim de Geografia*, n.1, 1986.

⁹ *Ibidem*, p.59.

¹⁰ NORTE, ODISSÉIA E MILAGRE. *Revista Norte do Paraná*, p.25.

¹¹ Apesar da cafeicultura paranaense ser uma expansão da paulista há peculiaridades nesta, dentre as quais, inclusive, um embate geopolítico entre os dois Estados quanto à produção de café. Ver: PADIS, A.C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*, p.116,131-133.

O Norte Novíssimo foi a mais recente ocupação, desde 1940, resultante, em parte, da atuação das empresas colonizadoras e, também, dos empreendimentos estatais inspirados nas estratégias das referidas empresas.

A leitura geográfica e histórica do Norte paranaense, tendo como referência econômica o café, não deve ficar restrita ao contexto local e regional. Este espaço explica-se, a partir de então, pelo contexto econômico internacional. A divisão internacional do trabalho da época compreendia a venda da produção agropecuária e de minerais, pelos países subdesenvolvidos que deveriam comprar produtos industrializados dos países desenvolvidos.

No final da Primeira Guerra Mundial, por exemplo, com o aumento dos preços do café, os produtores foram estimulados a intensificar o seu cultivo. Este período coincidiu com problemas quanto aos solos e pragas no Estado de São Paulo (Padis: 1981, 89). Estes dois fatores associados explicam os fortes fluxos migratórios de paulistas para o Paraná, nos anos vinte.

O café, a partir da década de 40, tornou-se o principal produto de exportação brasileira, e o Paraná era o seu principal produtor. Esta atividade econômica conectou o espaço em questão ao circuito capitalista mundial. Além das relações espaciais internacionais, o café contribuiu para o fortalecimento de um mercado interno, à medida que empregava abundante mão-de-obra na sua produção.

Finalmente, como é característica das agriculturas comerciais destinadas à exportação, a concorrência internacional, neste caso com países africanos, geraram uma política de erradicação da maior parte dos cafeeiros. Desde o início do seu cultivo, passando pelas instabilidades mercadológicas, até a sua erradicação o café permeou a produção do espaço regional.

Essa política de erradicação teve como resultados a retirada de grande parte dos cafeeiros, todavia deixou uma constituição histórico-geográfica que não se apagou.

2.1 OS AGENTES

A região Norte do Paraná resulta de ações de diversas origens quanto à sua constituição. Podem ser citados como agentes deste processo histórico e geográfico os trabalhadores rurais, os proprietários fundiários, as companhias colonizadoras e o Estado.

Embora todos os agentes sejam importantes, alguns impõem-se sobre os demais, determinando as ações daqueles. É por essa razão que se atribui às companhias colonizadoras e ao Estado os fatos históricos. Entretanto, estes agentes não construíram sozinhos a história e a geografia em questão. Elas resultam de uma produção social. Os empreendimentos imobiliários teriam sido um fracasso se não houvesse a adesão dos trabalhadores rurais e dos cafeicultores. Eles produziam o café e povoavam o espaço rural, dando dinamismo à região

- *Os trabalhadores rurais:* Embora os trabalhadores rurais sejam os agentes mais subordinados, suas ações foram as mais responsáveis pela produção de riquezas. A cafeicultura como atividade econômica principal, acompanhada de outras culturas como: o feijão, milho, algodão e arroz, gerou muitos empregos na zona rural da região Norte do Paraná. Foram estes empregos que atraíram grande número de trabalhadores rurais de diversas partes do Brasil. Além da sua importância como mão-de-obra, produtora de riquezas, os trabalhadores rurais constituíram um mercado consumidor que impulsionava a instalação de estabelecimentos comerciais e de serviços nas cidades.

- *Os proprietários fundiários:* pequenos, médios ou grandes, de acordo com o porte dos estabelecimentos rurais. Os pequenos proprietários exercem sua atividade produtiva com o auxílio da mão-de-obra familiar e, circunstancialmente, do trabalho assalariado permanente. Os médios e grandes proprietários, ou, os proprietários-empresários, são aqueles que não exercem o trabalho produtivo, apenas administram pessoalmente, ou através de funcionários assalariados, contratados para esta tarefa.

Em avaliação aos agentes já indicados, podem se fazer algumas observações quanto ao espaço em questão. Luz (1997:118-24) trabalha alguns dados do censo agropecuário de 1960, relativos ao município de Maringá que podem tornar esta análise mais concreta. Conforme esta autora, Maringá possuía naquele ano 5.443 estabelecimentos agrícolas, sendo que 2.628 eram pequenas propriedades, com até dez hectares de terras. Apenas 22 estabelecimentos possuíam duzentos hectares ou mais. Este dado comprova a significativa presença neste território de pequenos e médios proprietários.

Luz assinala que 2.608 estabelecimentos estavam sob a responsabilidade de arrendatários, o que ressalta a importância desta categoria de trabalhador rural na região. Quanto aos demais tipos de trabalhadores, observa-se que em 4.304 estabelecimentos não havia pessoal contratado. Em 825 estabelecimentos havia empregados permanentes ou temporários. Em 306 estabelecimentos havia parceiros. Em 96 estabelecimentos havia outras formas de pessoal ocupado, denominados pela autora de agregados.

Os números apresentados eram referentes aos estabelecimentos que possuíam ou não trabalhadores rurais. Para dimensionar quantitativamente estes trabalhadores, indicam-se alguns dados: os 825 estabelecimentos que contavam com mão-de-obra assalariada somavam 6.352 indivíduos. Os parceiros presentes em 306 estabelecimentos somavam 1.310 indivíduos. Finalmente, as demais categorias em 96 propriedades somavam 483 indivíduos.

Estes dados demonstram a relevância dos pequenos proprietários e dos trabalhadores rurais como agentes na produção do espaço regional.

- *As companhias colonizadoras:* em reforço ao que já se assinalou antes, a região Norte, em especial o Norte Novo, resulta de uma ocupação sistematizada, empreendida por companhias colonizadoras. Dentre as referidas companhias, sobressaiu-se a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em razão do volume de terras loteadas e pela organização com que realizou a colonização. Esta Companhia tem origem com alguns grupos econômicos ingleses¹² que, após a Primeira Guerra Mundial, começaram a buscar lugares para praticar a cotonicultura, visando atender a demanda de matéria-prima da indústria têxtil britânica. Por uma convergência de interesses, a convite do governo brasileiro, os ingleses vieram fazer uma visita às terras brasileiras. Presente nesta visita Lord Simon Lovat ficou impressionado com a região Norte do Paraná, adquiriu terras para instalar fazendas e máquinas de beneficiamento de algodão. Com esta finalidade, organizou em Londres a empresa *Brazil Plantations Syndicate Ltd.* Entretanto, este empreendimento não foi bem sucedido. O mesmo grupo optou, então, por investir em empreendimentos imobiliários, organizando a *Paraná*

¹² Além do grupo que deu origem à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, havia muitos outros grupos estrangeiros de investimento no Brasil, dentre os quais destacavam-se os ingleses pelo maior número de Companhias. Sampaio (1980) relaciona 45 empresas estrangeiras ligadas à agricultura, entre os anos 1882-1910. Destas 21 são inglesas. Para conhecer melhor a realidade do capital estrangeiro no Brasil ver SAMPAIO, P. *Capital estrangeiro e agricultura no Brasil*.

Plantations Company, que tinha como subsidiária no Brasil, a Companhia de Terras Norte do Paraná, através da qual adquiriu, aproximadamente, 515.000 alqueires¹³. Quando a Segunda Guerra Mundial foi deflagrada em 1939, o governo brasileiro, por motivo de segurança nacional, proibiu a propriedade estrangeira de terras brasileiras (Padis:1981:91). Um grupo de empresários brasileiros adquiriu dos ingleses a referida empresa, que passou a ser denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CMNP. Neste período, a Companhia adquiriu mais cerca de 30.000 alqueires, totalizando, aproximadamente, 545.000 alqueires no Norte do Paraná.

- *Estado*: O papel do Estado permeou a produção do espaço Norte paranaense. A sua ação foi relevante quanto à intervenção para acabar com a ocupação desordenada do território paranaense, regulamentando a transmissão das terras e as concedendo para colonizadoras. Posteriormente, o próprio Estado tornou-se um empreendedor e seguindo o modelo das companhias passou a organizar e vender lotes.
- A atuação do Estado, em escala nacional e paranaense, também foi importante como intermediadora nas definições de preços e nas políticas em relação à cafeicultura. A erradicação desta cultura, por exemplo, decorreu do apoio do Estado, financiando tal prática.

2.2 AS ESTRATÉGIAS E DIRETRIZES DE OCUPAÇÃO

A ocupação organizada do Norte paranaense, especialmente do Norte Novo, onde se situa Maringá, resulta de ações estratégicas do Estado e das companhias colonizadoras, conforme já foi ressaltado.

O Norte Novo teve a sua ocupação direcionada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, empresa que agiu estrategicamente na organização deste espaço, tornando-se, portanto, agente hegemônico do processo. Na seqüência, são sistematizadas as estratégias da referida empresa.

2.2.1 O loteamento em pequenas propriedades

Esta história é contemporânea à grande crise econômica mundial de 1929 e, apesar dela, a região em pauta foi ocupada e apresentou um significativo crescimento econômico. A viabilização desse empreendimento deve-se ao loteamento em pequenas propriedades rurais, que poderiam ser destinadas à cafeicultura. As dimensões limitadas exigiam pouco capital e, em geral, a mão-de-obra familiar era suficiente.

A possibilidade de adquirir uma pequena propriedade a preços relativamente baixos e a prazo, atraiu muitos migrantes para o Paraná. Conforme Damiani (1991), as migrações internas no Brasil explicam-se, em grande parte, pela busca de terras. Deve-se assinalar que este fato persiste na realidade brasileira, explicando o momento histórico em questão e outros subseqüentes, atingindo os dias atuais.

Oliveira (1995) diferencia o campesinato brasileiro do europeu. Enquanto este último tende a desaparecer, no Brasil este grupo social ainda luta por sua constituição. Segundo este autor, esta é uma luta presente ainda neste século. Aqui, o campesinato

¹³ Alqueire é uma unidade de medida de superfície agrária. Apresenta variações nos Estados brasileiros. O alqueire paulista, medida também utilizada no Estado do Paraná corresponde a 2,42 hectares. Nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás corresponde a 4,84 hectares.

ainda quer a terra e não sair dela¹⁴. Esta é uma particularidade da sociedade brasileira, na qual a concentração fundiária representa e atribui poder político¹⁵. Os latifundiários brasileiros detêm a propriedade de terras, tendo como objetivo a reserva de valor e o mencionado poder político. Daí, a resistência à reforma agrária.

Estas considerações ajudam a explicar por que um empreendimento imobiliário, baseado em pequenas propriedades obteve êxito, ainda que num momento de crise internacional. Portanto, o loteamento da área adquirida em pequenas propriedades foi uma estratégia comercial adotada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

2.2.2 Levantamento das condições naturais do espaço para a localização das atividades

As condições naturais do espaço, consideradas favoráveis a este tipo de empreendimento, foram valorizadas. As características topográficas da região foram avaliadas através de um cuidadoso levantamento topográfico para uma adequada distribuição econômico-espacial das atividades. Esse cuidado da empresa é ressaltado por Müller (1956), comparando com detalhes no seguinte texto:

O eixo de toda colonização, a espinha dorsal da penetração das vias de circulação, é o espigão divisor de águas entre as bacias do Ivaí e do Paranapanema, com seu topo largo e plano. Nêles foram traçados os leitos da ferrovia e da estrada principal, nêles foram reservadas áreas para os principais núcleos urbanos da região. Dêles saíram as estradas secundárias que, acompanhando os contrafortes, iriam depois se desdobrar nos caminhos vicinais, bem como receber os núcleos urbanos menores. Por uma hierarquia de estradas e de centros urbanos, toda a área colonizada ficava engrenada no sistema de circulação, além de nenhuma propriedade ficar a mais de 15 km. de uma vila ou cidade.¹⁶

2.2.3 Construção de estradas rodoviárias e ferroviárias

Juntamente com a preocupação de localizar acertadamente as atividades no espaço, estava a preocupação em produzir uma articulação interna e externa da região, através de uma estrada principal e de estradas secundárias. Segundo Müller (1956), a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná se envolveu na construção de 3.615 quilômetros de estradas.

Padis (1981) afirma que *"Ao mesmo tempo em que eram construídas estradas que recortavam a área a ser colonizada, cuidava-se da construção da rodovia em direção a São Paulo e, sobretudo, da aquisição, em 1928, da Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná."¹⁷*

Como resultante da atuação da referida companhia foram construídas as rodovias no interior da região e as que ligam esta a São Paulo e outras regiões. Segundo o mesmo autor, *"(...) a estrada de ferro e a rodovia estendiam-se quase paralelamente, ao longo do espigão principal do Norte paranaense, entrelaçando numerosos núcleos urbanos que iam surgindo rapidamente, pouco distanciados uns dos outros."¹⁸*

¹⁴ Isto explica porque o movimento social de maior expressão no Brasil é o Movimento dos Sem-Terras - MST, em prol da reforma agrária e de condições políticas para a sua viabilização.

¹⁵ Esta questão é tratada por MARTINS, J. de S. *Poder do atraso*, 1994.

¹⁶ MÜLLER, N. L. Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. *Boletim Paulista de Geografia*, n.22, março de 1956, p.28.

¹⁷ PADIS, A. C. *Formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná*, p.91.

¹⁸ *Ibidem*, p.93.

A construção das estradas produziu um território fluido com ampla dinamicidade econômica. O objetivo principal com a instalação desta infra-estrutura era facilitar o escoamento da produção.

2.2.4 Constituição de uma rede urbana

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná planejou a instalação de uma rede urbana que compreendia a instalação de pequenos núcleos a distância aproximada de quinze quilômetros uns dos outros, procurando atender as necessidades mais imediatas da população rural. Numa distância de aproximadamente cem quilômetros foram planejadas cidades de porte maior, cujo objetivo era oferecer serviços e produtos de demanda menor. Estes núcleos urbanos principais ganharam uma localização privilegiada, reforça Müller:

*(...) no espigão mestre à margem da ferrovia e da estrada principal, espaçados entre si por distâncias aproximadamente regulares. Essas cidades, estrategicamente localizadas em pontos que saem os contrafortes e, em consequência, de onde se irradiam estradas secundárias, são pequenas 'capitais' regionais, dominando cada uma, certa área de povoamento.*¹⁹

Luz (1997) confirma o interesse da empresa em formar uma rede urbana. Assinala ela, que o interesse dos colonizadores britânicos não era de estimular apenas um grande núcleo urbano, mas diversos. Por essa razão eles estenderam ao máximo a rede de comunicações com a finalidade de vender seus imóveis, bem como de dinamizar diversos centros urbanos. Observa-se, portanto, a formação de uma rede urbana hierarquizada.

2.2.5 Produção do espaço interno das cidades

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, além dos lotes rurais, vendia também lotes urbanos. A ação estratégica da mesma atingiu o espaço intraurbano. Esta atitude visava garantir o sucesso da rede urbana implantada. As ações da referida empresa atingiam esta dimensão espacial de duas formas:

➤ Planejamento urbano

As cidades surgiam primeiro nas pranchetas da empresa para depois tornarem-se realidade. Desta forma foram iniciados sessenta e três núcleos urbanos pela CMNP. Müller assinala que

*Todos os centros urbanos criados pela "Companhia de Terras" contam com plantas que denunciam haverem sido planejadas com antecedência. Embora com formas variadas - elípticas, quadrangulares, em trevo ou lembrando uma nave - têm todas o aspecto das cidades "criadas", derivado da disposição original da estrutura urbana: a Companhia, tendo reservado área para a expansão das cidades continua a orientar os loteamentos mais recentes.*²⁰

➤ Estímulo ao povoamento dos núcleos urbanos

Era grande o interesse da empresa no desenvolvimento das cidades. A mesma autora exemplifica este fato com o caso de Sertanópolis, onde ao comprar um lote rural o comprador ganhava, como parte da transação, um terreno urbano. Em contrapartida,

¹⁹ MÜLLER, N.L. op. cit., p.86-7.

²⁰ Idem., p. 87.

ele ficava comprometido contratualmente a edificar no prazo de dois anos uma casa no lote urbano.

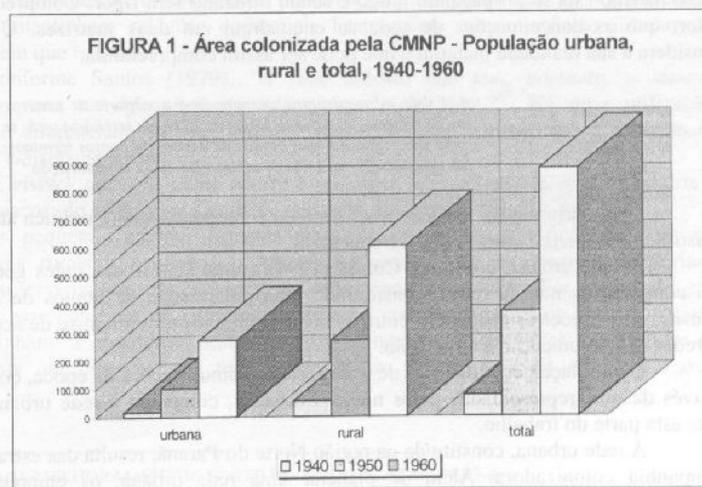
Esse aspecto aparece também no trabalho de Luz (1980) que ressalta a exigência contratual em relação aos compradores de lotes urbanos nas cidades de Apucarana, Jandaia e Nova Esperança, para que construíssem no prazo máximo de um ano. Quanto a Maringá, assegura a autora:

Nos anos de 1947 e 1948, Maringá era chamada 'cidade-fantasma'. Isto decorria do fato de haver um elevado número de casas vazias na sua parte nova, recém loteada. Por uma cláusula inserida nos contratos de compra e venda, a Companhia obrigava os adquirentes de datas no perímetro urbano a construírem dentro de um ano. Foi uma forma que a empresa encontrou para apressar o desenvolvimento da cidade(...). As construções foram surgindo, a maior parte de madeira; muitas contudo, permaneciam fechadas, pois seus donos residiam em outras cidades.²¹

Não bastava, pois, fundar cidades, tinha que se garantir o êxito das mesmas. Além das exigências contratuais mencionadas, a Companhia tinha outras estratégias para a produção do espaço interno das cidades: construção de um escritório da CMNP, uma estação de *jardineiras*, escola, doação de terrenos para a administração pública local e outras repartições.

A finalidade da instalação de núcleos urbanos continha duplo interesse: a comercialização de lotes urbanos e servir de apoio para a atividade agrícola, assistindo e abastecendo os produtores naqueles bens e serviços que não eram produzidos pelos mesmos.

Os efeitos das estratégias e diretrizes expostas podem ser mensurados através de dados demográficos, representados na figura 1. Estes possibilitam analisar a proporção em que se deu o crescimento populacional da área colonizada pela CMNP, entre os anos de 1940 a 1960.



²¹ LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*, 1980(dissertação) p.121.

Observa-se que em vinte anos a população total multiplicou-se mais de dez vezes. Quanto à população urbana e rural, apesar de ambas apresentarem crescimento absoluto, a população urbana passa, gradualmente, a ter uma participação percentual maior na composição da população total.

Considerando-se os agentes, anteriormente citados, pode-se dizer que esses índices demográficos compõem-se, principalmente, com a vinda de pessoas que tornaram-se pequenos proprietários e trabalhadores rurais. Apesar das diversas procedências, predominaram os migrantes paulistas, mineiros e nordestinos.²²

2.3 A REDE URBANA CONSTITUÍDA

O conceito de rede, conforme Dias (1996), não é recente. Esta autora faz um resgate histórico deste conceito, demonstrando que ele tem sido utilizado pelas ciências sociais desde o século XIX, já associado com a propriedade da conexidade. Entretanto, é na atualidade que este conceito ganha relevância. Ressurge de forma renovada pelas grandes mudanças, descobertas e avanços de outros campos disciplinares e da própria geografia.

O vocábulo rede, numa concepção bastante elementar, designa o resultado de um entrelaçar de linhas, construídas através de nós. Uma rede é, portanto, um entrelaçamento de fios. Pode ser compreendido por rede, o conjunto ou estrutura que por sua disposição lembre um sistema reticulado. É assim que os reticulados configurados pelas mãos de alguns agentes, com diversos conteúdos, expressam-se, espacialmente, através da constituição de redes geográficas. A respeito destas, Santos (1996) lembra que, atualmente, no período técnico-científico-informacional, o fenômeno rede torna-se absoluto, contudo é abusivamente que ele conserva este nome, pois na realidade seus suportes são pontos.

O referido autor alerta para a necessidade de um uso cuidadoso deste termo, já que o mesmo está se propagando muito e sendo utilizado sem rigor. Compreende, este autor, que as conceituações de rede se enquadram em duas matrizes. Uma que considera a sua realidade material e que pode ser assim compreendida:

*(...) toda infra-estrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação.*²³

Uma outra matriz considera que a rede é também social e política através das pessoas, mensagens e valores que a freqüentam.

A rede urbana, conforme Corrêa (1994) é uma síntese das redes geográficas. Ela congrega os nós de redes, constituindo uma polarização de pontos de atração e difusão. As relações estabelecidas entre os núcleos urbanos redefinem-se de acordo com as redes de comunicação e circulação.

O entrelaçamento das vias de transportes e comunicações da época, congregada através de nós, representados pelos núcleos urbanos, compõem a rede urbana de que trata esta parte do trabalho.

A rede urbana, constituída na região Norte do Paraná, resulta das estratégias da companhia colonizadora. Além de planejar uma rede urbana, os empreendedores

²² Esta afirmação baseia-se em PADIS, A.C. op. cit., p.89 e em LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*, p.99. Luz faz um levantamento minucioso quanto a procedência dos pioneiros maringacenses.

²³ Este conceito é de Currien (1988) apud Santos, M. *A natureza do Espaço*, p.209.

capitalistas assinalam para o comportamento espacial das relações sociais interurbanas e campo-cidade. O texto a seguir mostra como a mesma projetou detalhadamente o espaço, considerando as relações que nele poderiam ocorrer, bem como os distintos agentes sociais.

A Companhia de Terras Norte do Paraná adotou diretrizes bem definidas. As cidades destinadas a se tornarem núcleos econômicos de maior importância seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, aproximadamente. Entre estas, distanciados de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários. Tanto nas cidades como nos patrimônios a área urbana apresentaria uma divisão em datas residenciais e comerciais. Ao redor das áreas urbanas se situariam cinturões verdes, isto é, uma faixa dividida em chácaras que pudessem servir para a produção de gêneros alimentícios de consumo local, como aves, ovos, frutas, hortaliças e legumes. A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada (...) Esse pequeno proprietário não agiria como o grande fazendeiro de café, que produzia grandes safras e as comercializava nos grandes centros, diretamente em São Paulo ou em Santos. Ele venderia seu pequeno lote de sacas de café nos patrimônios, aos pequenos maquinistas, que por sua vez comercializavam a sua produção nas cidades maiores, já com representantes das casas exportadoras. Por outro lado, esse pequeno proprietário não gastaria o dinheiro recebido como o grande fazendeiro, nas grandes cidades. Ele o gastaria ali mesmo, no comércio estabelecido nos patrimônios, gerando assim uma distribuição de interesses e uma circulação local de dinheiro que constituiriam um salutar fator de progresso local e regional.²⁴

Essas palavras descrevem a composição da rede urbana regional e documentam as relações interurbanas do período, revelando que estas já eram diferenciadas de acordo com o poder aquisitivo das pessoas, pois, apenas, os grandes fazendeiros tinham relações diretamente interurbanas, tanto para vender como para comprar. Os pequenos produtores mantinham relações comerciais basicamente com o núcleo urbano do município em que residiam.

Conforme Santos (1979), *"A rede urbana não tem, portanto, o mesmo significado para as diferentes camadas sócio-econômicas."*²⁵ Há uma utilização socialmente diferenciada da rede urbana, cuja determinante maior não é a distância física, mas a distância social.

É visível, também, como ocorre o processo de drenagem da renda fundiária²⁶ entre os espaços: do campo para a cidade, em especial, para as cidades maiores.

Os pequenos núcleos urbanos eram especialmente significativos para os trabalhadores rurais e pequenos proprietários, sendo onde os mesmos adquiriam produtos ou serviços necessários para a sua subsistência e produção. Por outro lado, era justamente esse consumo da numerosa população composta por estes agentes sociais que mantinham a dinâmica destes pequenos núcleos. *"Às vezes, encontram-se cidadezinhas que parecem ter unicamente a rua principal, toda ela com casas*

²⁴ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, op. cit., p.77-8.

²⁵ SANTOS, M. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, p.265. Esta tendência de consumo social diferenciado da rede urbana reforçou-se ainda mais. Santos elaborou uma teoria na referida obra que demonstra esta questão.

²⁶ Refere-se à transferência de grande parte do valor excedente produzido no campo para a cidade, através, principalmente, dos proprietários rurais. Esta questão é trabalhada por CORRÊA, R. L., *A rede urbana*, p.61-63.

comerciais. São as cidades destinadas a oferecer os bens de consumo exigidos pela população rural que vive numa área de 8 a 10 quilômetros ao redor.²⁷

Os pequenos núcleos urbanos eram numerosos e distanciavam-se uns dos outros, aproximadamente quinze quilômetros. Conforme Gusso (1996) o funcionamento dessa rede urbana era assegurado pela ocupação capitalista do espaço, segundo a qual a terra era adquirida em moldes de bem de capital. Segundo este autor, delineava-se

(...) um sistema próprio de salariedade, mesmo quando traduzido em pagamento em espécie. Ademais, o grande afluxo de mão-de-obra requerido pelo café ocorria paralelamente à instalação de uma extensa e ampla infra-estrutura de comércio e serviços, objetivada por um dos mais rápidos e extensivos processos de urbanização nas últimas décadas. Nas mesmas linhas de comércio do café, estabeleciam-se as de oferta de manufaturas para a crescente população da área, gerando um dinamismo peculiar que aumentava com o crescimento da área plantada e dos volumes de exportação e com o avanço da nova fronteira agrícola.²⁸

O adensamento populacional, resultante do processo de ocupação, garantia o dinamismo comercial dos pequenos núcleos urbanos. A existência do mercado consumidor associada à comercialização dos produtos agrícolas eram as bases da urbanização regional.²⁹

O Iparde (1983) demonstra como o café, enquanto atividade econômica dinâmica, proporcionou o surgimento de atividades industriais, até então intimamente relacionadas à presença de um mercado consumidor próximo:

A cultura do café ao se expandir, incorporava novas terras à produção e fazia crescer o número de trabalhadores ocupados e as relações de trabalho dominantes, ampliando o mercado consumidor para produtos manufaturados. O crescimento da agricultura cafeeira, no momento em que o mercado nacional não estava completamente unificado e, portanto, carente de vias de comunicação, permitiu o surgimento de pequenas empresas industriais voltadas para o mercado de consumo local. A comercialização dos produtos agrícolas, ainda dispersa em virtude das escalas reduzidas e atomizadas da produção agrícola, e a relativa diferenciação interna dos produtores diferenciavam também o mercado de consumo.³⁰

Então, juntamente com a atividade econômica cafeeira, a urbanização do Norte do Paraná passa a adquirir um conteúdo industrial.

Sobre a organização da rede urbana

A rede urbana constituída na região era do tipo hierárquica, ou seja, havia uma subordinação dos pequenos núcleos urbanos (aqueles localizados a aproximadamente cada quinze quilômetros) aos maiores localizados a cada cem quilômetros. Esta relação de subordinação ocorria através das relações comerciais, de serviços e administrativas. Nas cidades maiores, consideradas pólos regionais, encontravam-se os atacadistas que abasteciam o comércio das cidades menores, alguns serviços especializados e atividades administrativas.

²⁷ Observação encontrada na reportagem NORTE, ODISSÉIA E MILAGRE, *Revista Norte do Paraná*, n.9/2,1967, p.23

²⁸ GUSSO, D. A. Perspectivas do desenvolvimento regional. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, N.87, 1996, p.7-29. Artigo publicado originalmente em 1968, no n.7 da mesma revista, selecionado para republicação no número recente, anteriormente citado.

²⁹ Esta discussão pode ser encontrada também em LEÃO, I.Z.C.C. *O Paraná dos anos setenta*, p.54.

³⁰ IPARDES, Nova configuração espacial do Paraná, p.40.

Esta forma de organizar o espaço encontra na teoria das localidades centrais "(...) a mais fértil e conhecida base teórica sobre o tema."³¹

Conforme Corrêa (1994), o interesse em compreender a hierarquia urbana decorre da sua acentuação com o capitalismo, diferenciando muito as cidades. Ele cria um mercado consumidor a partir da expropriação dos meios de produção e de vida de enorme parcela da população, que relacionada à industrialização leva à expansão da oferta de produtos industriais e de serviços. Todavia, esta oferta é territorialmente desigual, instaurando a hierarquia das cidades. "Esta, por sua vez, suscita ações desiguais por parte dos capitalistas e do Estado: daí o interesse em compreender a sua natureza."³²

De acordo com Christaller³³ existem princípios gerais que regulam o número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento, considerados localidades centrais, como as grandes, médias e pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semi-rurais. Tais localidades são dotadas de *funções centrais*, ou seja, atividades de distribuição de bens e serviços para uma população externa, residente numa região que pode ser compreendida como complementar, *hinterlândia*, ou ainda, área de influência. Através do número e da importância das funções centrais de um lugar conhece-se a sua centralidade.³⁴

A hierarquia presente, inicialmente, na rede urbana regional, possibilita uma aproximação com a referida teoria³⁵.

Berry (1971) desenvolve a concepção teórica das localidades centrais, mantendo a tese da mesma, na qual a geografia comercial e de distribuição de serviços apresentam certas regularidades espaço-temporais. Segundo este autor, a citada teoria pode explicar tais regularidades.

A teoria em estudo focaliza-se nas relações interurbanas, buscando as determinantes de uma geografia do consumo. É através desta vertente, que se intenta neste trabalho compreender como se configura a rede urbana regional atual.

É relevante observar como o autor mencionado atribui significado aos pequenos centros na rede urbana:

(...) pero igualmente importantes son los cientos de miles de pequeños centros de mercado distribuidos por todo el mundo. Aunque estos centros de mercado no tienen casi nunca aquella apariencia de grandiosidad, es en ellos donde tiene lugar el proceso diario de intercambio.(...) estos centros de mercado son los lugares adonde van los consumidores y en los que se concluye el proceso de intercambio.³⁶

Para a região Norte do Paraná, os pequenos centros também tiveram este significado. Neles concretizava-se a comercialização de produtos manufaturados e, também, a venda de produtos rurais por parte dos pequenos produtores. Os pequenos centros eram *locus* de intenso comércio.

³¹ CORRÊA, R. L. *A rede urbana*, p.20.

³² *Ibidem*, p.21.

³³ Walter Christaller(1933) foi um geógrafo que juntamente com o economista Augusto Lösch (1941), desenvolveu e publicou trabalhos considerados como a base da teoria das localidades centrais.

³⁴ Para conhecer mais sobre a teoria das localidades centrais ver: CORRÊA, R. L. *A rede urbana*. e BERRY, B. *Geografía de Los Centros de Mercado y Distribución al por Menor*.

³⁵ Observa-se que a constituição da região Norte do Paraná, é contemporânea a elaboração dos primeiros trabalhos da teoria das localidades centrais. Entretanto, pelas similaridades apresentadas questiona-se: existe alguma relação direta entre a teoria das localidades centrais e a composição da região em questão? Teria servido esta como amparo teórico para o empreendimento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná no que se refere a composição da rede urbana? Estas questões não serão respondidas por esse trabalho, mas poderão pautar novas pesquisas acadêmicas.

³⁶ BERRY, B. *Geografía de los Centros de Mercado y Distribución al por Menor*, p.2.

Conforme Berry, a geografia da produção e do consumo podem ser inter-relacionadas, da seguinte forma: *"Todo sistema económico consta de un conjunto de individuos que son los consumidores de lo que se produce y son, al mismo tiempo, los productores de lo que se demanda."*³⁷. O autor continua esta análise, indicando que são as transações interurbanas que promovem a conexão numa economia complexa, e é através das cidades, que se entrelaçam a geografia da produção e a geografia do consumo. Reforça-se, portanto, novamente a importância da população numerosa, composta de trabalhadores e pequenos proprietários rurais, produtores e consumidores que mantinham a composição daquela rede urbana regional.

Lembra bem, este autor, que estas geografias são inseparáveis da geografia dos transportes, que põem em contato produtores e consumidores, mediante os fluxos de cada época.

Os apontamentos deste autor confirmam como foram importantes as estratégias da empresa colonizadora na produção do espaço regional, principalmente no que se refere à composição de uma rede urbana e à construção de uma rede de transportes, ambas integradas.

Quanto aos centros urbanos maiores, foram fundados, sucessivamente, quatro núcleos habitacionais, distanciados entre si em aproximadamente cem quilômetros: Londrina (1930), Maringá (1947), Cianorte (1953) e Umuarama (1955). Estes eram destinados a serem cidades de porte maior. Quanto a estes, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná faz questão de lembrar:

*Embora situados em pleno sertão, o projeto e a construção de quase todos foram minuciosamente detalhados, com observância da técnica e da arte do urbanismo, para que se tornassem metrópoles modelares. As vias de circulação - avenidas, praças e ruas - planejadas de acordo com a altimetria da cidade, visavam o conforto e bem estar das populações urbanas e a execução adequada dos serviços públicos. Cada núcleo foi subdividido de conformidade com o respectivo zoneamento, prefixadas as zonas do centro cívico, do comércio e da indústria, das residências nobres, coletivas e proletárias, cada qual observando suas próprias características na construção dos edifícios públicos, comerciais e industriais, residenciais e educacionais, de assistência social e hospitalar, dos cultos religiosos e dos centros desportivos.*³⁸

É neste conjunto de idéias e fatos que deve ser compreendida a composição espacial de Maringá.

2.4 A PRODUÇÃO DE MARINGÁ NO CONTEXTO REGIONAL

Se o espaço produzido no Norte paranaense, tendo como agente hegemônico a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, resultou de um planejamento regional, há evidências de que Maringá obteve, da mesma empreendedora, uma atenção dobrada.

Esta cidade foi cuidadosamente planejada para ser uma capital regional. Para tanto:

*(...)a empresa colonizadora reservava, na zona central de sua extensa gleba, um local privilegiado para o estabelecimento de uma cidade que polarizaria a parte mais ocidental de suas terras, dividindo com Londrina a liderança regional; serviria, dessa forma, como centro propulsor de progresso para uma vasta e promissora área agrícola.*³⁹

³⁷ Ibidem.

³⁸ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*, p.252.

³⁹ LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*, p.60.

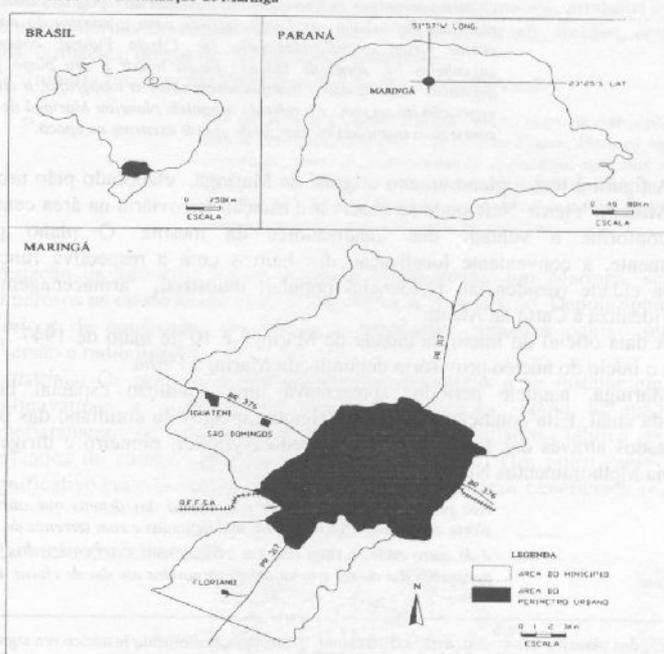
Em decorrência desse cuidado, Maringá tem uma localização privilegiada, pelos seguintes fatores:

- Situação geográfica - centro da área colonizada pela Companhia, com uma boa infra-estrutura rodoviária e ferroviária⁴⁰.
- Sítio urbano favorável, no que se refere às condições naturais: relevo suave, disponibilidade de água e boas condições climáticas.

No que dependia destas condições, este local era favorável à construção de uma cidade de médio ou grande porte. Maringá tornou-se logo um dos principais núcleos urbanos fundados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná(Luz;1997:59).

A localização de Maringá pode ser verificada na figura 2. Nela é possível visualizar Maringá como nó da rede rodoviária e ferroviária, fator relevante para que esta cidade se constituísse também, como nó da rede urbana.

FIGURA 2 - Localização de Maringá



Organização: Angela Maria Bodlich

A cidade de Maringá só teve início com a definição do traçado da ferrovia que iria até Guaíra. Só então estabeleceu-se o seu lugar exato. Pelo planejamento da Companhia a região central da cidade deveria conter a estação ferroviária⁴¹.

⁴⁰ GEORGE conceitua posição ou situação geográfica e sítio urbano. Destaca este autor a posição de encruzilhada ou confluência, caso de Maringá: "Uma das posições mais frequentes e propícias à continuidade do desenvolvimento urbano é o de encruzilhada. A convergência de vias de fácil circulação, prestando-se a todos os pontos mais baratos, favorece o desenvolvimento de mercados que têm maior estabilidade quando o poder político assume o controle dos eixos de passagem". GEORGE, P. *Geografia urbana*, p. 40.

Enquanto esta decisão era aguardada, teve início, em 1942, um povoado que serviu de suporte para a construção de Maringá. Assim, a Companhia estimulou a vinda de pessoas com diferentes profissões para o pequeno núcleo, visando o atendimento da população. Esse mesmo lugar tornou-se o posto de comando da Companhia, reunindo suas máquinas e empregados (Luz:1997:62). O povoado recebeu mais tarde o nome de Maringá Velho, hoje considerado um bairro de Maringá.

O papel dos núcleos urbanos naquele período era receber a produção agrícola e fornecer alguns produtos manufaturados. Conforme Luz (1997), no início esse fornecimento era feito por Apucarana, Mandaguari ou Marialva. Com a instalação de alguns ramos comerciais no Maringá Velho, a população passa a se abastecer nesta localidade.

A fundação da cidade de Maringá, acontece logo depois da demarcação definitiva da estrada de ferro, um pouco diferente da anteriormente prevista. Com isso, a Companhia começou a tomar as providências necessárias para a instalação da cidade:

(...)mandou realizar os levantamentos e estudos da topografia local para o planejamento urbano. As linhas mestras para a construção da futura cidade foram estabelecidas pelo Dr. Cássio Vidigal, cabendo ao engenheiro Dr. Jorge de Macedo Vieira traçar o seu plano geral e definitivo. Com os dados indispensáveis sobre a topografia, o clima e a vegetação da região(...) o referido urbanista planejou Maringá de acordo com a mais avançada concepção de cidade existente na época.⁴¹

A figura 3 traz o plano urbano original de Maringá, elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira. Nele pode se observar a estação ferroviária na área central da cidade, conforme a vontade dos idealizadores da mesma. O plano previa, detalhadamente, a conveniente localização dos bairros com a respectiva função no interior da cidade (residencial, residencial popular, industrial, armazenagem etc.), conforme idealiza a Carta de Atenas⁴².

A data oficial do início da cidade de Maringá é 10 de maio de 1947⁴⁴, cinco anos após o início do núcleo provisório denominado Maringá Velho.

Maringá, naquele período, apresentava uma condição espacial bastante diferente da atual. Esta condição, bem como alguns aspectos do cotidiano das pessoas são resgatados através das lembranças de Alfredo Nyffeller, pioneiro e dirigente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná:

Nos primeiros anos, a cidade não diferia das demais que abrimos no Norte do Paraná. Ruas de terra, mal definidas e com terrenos de um lado e de outro onde se viam raízes e troncos semi carbonizados. Muita poeira em dia de sol e lama até os tornozelos em dia de chuva. Era uma

⁴¹ Este desejo dos planejadores se concretizou. Entretanto, o que naquele momento histórico era significativo para a dinâmica da cidade, atualmente tornou-se um obstáculo para a sua região central, por causa da grande quantidade de automóveis que nela circulam. Por essa razão elaborou-se um arrojado projeto, cujas obras já foram iniciadas, de um novo centro para Maringá, envolvendo o rebaixamento da estrada de ferro. Estas transformações urbanas no interior da cidade de Maringá estão sendo objeto de outras pesquisas acadêmicas.

⁴² LUZ, F., op. cit., p.72.

⁴³ A Carta de Atenas consiste na sistematização de Le Corbusier das conclusões referentes ao IV CIAM. Ela indica quatro funções para o espaço urbano: habitar, recrear, trabalhar e circular. Este documento propõe a segmentação funcional das cidades.

⁴⁴ Esta é considerada a data de fundação da cidade, ou seja, a data do nascimento jurídico da mesma. Santos (1996) discute a possibilidade de falar da idade de um lugar com critérios geográficos. Para tanto ele considera a técnica como fenômeno histórico, sendo portanto possível identificar o momento de sua origem e datá-la em relação a um espaço. Considera que "A idade das variáveis presentes em cada lugar acaba sendo medida com referência a fatores internos e externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a história da produção é intimamente ligada à criação, nos países do centro, de novas formas de produzir." p.49. Essa discussão está na obra: SANTOS, M. *A natureza do espaço*, p.46-9.

*beleza ver a mata de pertinho: altas perobas, figueiras, paus-d'alho, tudo ao alcance dos olhos, bastando chegar à janela. Havia muitos veículos de tração animal: charretes e carroças. E muita gente andava a cavalo.*⁴⁵

O ritmo de construção que se impôs na cidade foi muito acelerado. Luz (1997: 86) resume este fato, afirmando que quase 2.000 construções foram erguidas em Maringá até o final de 1952, entre residências, casas comerciais e armazéns. Juntamente com a expansão territorial horizontal da cidade, começam a surgir os papéis urbanos.

Monbeig afirmara que os núcleos urbanos numa área pioneira, como é o caso de Maringá, visavam "fornecer ao povoamento rural e principalmente aos pequenos agricultores seus quadros urbanos"⁴⁶.

Os primeiros papéis urbanos exercidos por Maringá foram:

- Comerciais - Através de diversos estabelecimentos que surgiam com a finalidade de comercializar os mais diversos produtos (gêneros alimentícios, produtos agrícolas, ferragens e materiais de construção, compra e venda de cereais, tecidos, confecções e calçados, farmácias, postos de combustíveis e outros).

Importa ressaltar para este trabalho a seguinte observação:

*Por sua posição geográfica, que a tornava ponto de convergência e apoio para a penetração no oeste e noroeste do Estado, Maringá logo se tornou importante centro de comercialização de produtos agrícolas, notadamente de café e cereais, que procediam da vasta região agrícola que a circunda, atraindo os habitantes da zona rural para ali venderem a sua produção e comprarem as mercadorias de que necessitavam.*⁴⁷

- Prestação de serviços: Foram surgindo gradualmente em Maringá, sendo mais numerosos os estabelecimentos de alojamento e alimentação. Depois apareceram os serviços de confecção, lavanderias e barbearias, seguidos pelos serviços de diversão e radiodifusão.
- Industriais: Os primeiros estabelecimentos industriais a se instalar em Maringá destinavam-se à produção de gêneros alimentícios, como as máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas, padarias, fecculárias, fábrica de doces e derivados de carnes, além das fábricas de bebidas. Um outro ramo industrial significativo era o de aproveitamento da madeira, que após beneficiada era utilizada

FIGURA 3 - Planta da Cidade de Maringá, 1950.



Adaptado de MENDES, C. M., 1992, p.100

em construções e marcenarias. Existiam ainda olarias e cerâmicas; fábricas de móveis, camas e colchões; carroças; calçados e tipografias.

Todos esses estabelecimentos visavam atender a população local e regional, conforme pode se observar pelos tipos de produtos industrializados e comercializados, bem como pelos serviços prestados. São gêneros e serviços de primeira necessidade. Portanto, Maringá em pouco tempo passou a exercer influências regionais, assumindo o papel para o qual havia sido planejada, o de capital regional.

Müller (1956) faz uma avaliação da evolução de Maringá, ressaltando a influência urbana desta:

*Quanto a Maringá, nova "cabeça de zona" a que a "Companhia Melhoramentos Norte do Paraná" têm dedicado especial atenção é provável que se torne, proximamente, uma grande cidade. Seu crescimento tem sido espantoso: quando a visitamos, em 1946, tinha apenas uma rua, que era a própria estrada para Paranavai, e cerca de 20 casas: hoje, com uma população de 25.000 habitantes, só na sede, é um centro urbano desenvolvido, febricitante, cheio de futuras promessas, que, por certo se realizarão. Sua área de influência, já atualmente bem demarcada, ficará provavelmente ainda mais estabelecida depois da construção da ferrovia para Paranaguá quando, com Apucarana, terá maior influência em toda área ocidental das terras da Companhia.*⁴⁸

Com o surgimento dos papéis urbanos gerados pelos estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços e industriais, Maringá passa a existir enquanto espaço geográfico relativo, estabelecendo relações interespaçiais. À medida que as atividades sediadas no interior do seu espaço urbano passam a exercer influências e a atrair pessoas pela região verifica-se a composição de um espaço de relações.

Com esse quadro econômico o desenvolvimento da cidade estava intimamente relacionado à região que polarizava. Foi através da busca de produtos e serviços por parte da densa população regional que os papéis urbanos de Maringá foram se ampliando rapidamente. Esta realidade trazia ainda um outro aspecto. Além das atividades que passaram a ficar concentradas em Maringá, havia a convergência para este espaço da renda regional, já que as transações comerciais e financeiras aconteciam nesta cidade. Luz (1980) observa sobre a relação entre a cidade e a região:

*A cidade manteve desde o início uma íntima relação com a zona rural da região, evoluindo esta relação de uma total dependência da riqueza advinda da produção agrícola regional para uma posição de pólo de seu desenvolvimento.*⁴⁹

Acrescenta, a autora, que Maringá teve a sua consolidação como centro urbano de relevância pela sua posição privilegiada, crescimento demográfico e dinamismo econômico, impulsionando o desenvolvimento de sua região de influência, através do aperfeiçoamento e ampliação de seus papéis.

A cidade constituiu-se com as riquezas da região que nela se concentraram. Esse processo é dialético, pois, a partir de então, a cidade passou através de suas entidades e empresas a comandar o desenvolvimento regional.

Monbeig lembra que "(...)os êxitos urbanos são ao mesmo tempo o triunfo dos indivíduos e, nesse sentido, a geografia urbana da zona pioneira é o fruto de sua estrutura econômica e social"⁵⁰.

⁴⁸ MÜLLER, N.L., op. cit., p.93.

⁴⁹ Luz, F., op.cit.,p.202.

⁵⁰ Monbeig, P.,op. cit., p.329.

Com a ocupação e produção do espaço no Norte do Paraná e, especificamente de Maringá, muitas riquezas foram produzidas e, como em toda a sociedade capitalista foram apropriadas por algumas pessoas em detrimento das demais. Se os empreendimentos foram bem sucedidos, é porque alguns dos seus agentes também o foram.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, salientou-se os principais aspectos históricos e geográficos para a leitura da geografia atual de Maringá e da rede urbana regional, ou seja, verificar as marcas espaciais decorrentes do processo de ocupação.

A composição de Maringá, hoje, tem no passado muitas de suas determinantes. Tomando todo o resgate histórico-geográfico elaborado, pode se destacar quanto a Maringá:

- A localização privilegiada, no que se refere à situação geográfica e a articulação rodoviária existente. Considerando-se que a referida situação fora escolhida cuidadosamente e a rede de estradas construída para melhor articular este espaço e sua região, pode se afirmar que a boa localização de Maringá fora produzida pelos seus empreendedores capitalistas e pelo Estado.
- O dinamismo econômico relacionado à agricultura e agroindústria. O período cafeeiro forneceu esta tradição a Maringá. Mais do que isso, deve-se ressaltar, deixou também uma infra-estrutura e agentes que propiciaram a continuidade de uma economia agrícola dinâmica, ainda que com a erradicação dos cafeeiros.
- O planejamento de uma rede urbana que lhe atribua a posição de capital regional. Maringá já surgira, portanto, com uma posição hierarquicamente superior na composição da rede urbana. Este fato se concretizou e Maringá se consolidou como capital regional. Assim, o aumento demográfico, o crescimento territorial, bem como a ampliação dos papéis urbanos já eram de certa forma previstos. O que surpreende é a intensidade com que esse processo se manifesta na cidade de Maringá e como representa um contraste em relação a uma parte da região.

A produção espacial recente de Maringá resulta dos fatores acima inter-relacionados, associados a outros recentes. Quanto à rede urbana regional, constituída no período de *colonização*, manteve-se enquanto o café comandava a economia. Com a erradicação do café e a substituição de culturas, as transformações no espaço rural atingiram também as cidades, ampliando o conteúdo urbano de Maringá, através das diversas atividades que nela se instalaram. Por outro lado, os pequenos núcleos urbanos, tiveram as suas atividades reduzidas, na medida que a numerosa população rural diminuiu significativamente. Estes fatos relacionam-se a outro período histórico de Maringá e da região...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEGRE, M., MORO, D.A. 1986. Mobilidade da população nas antigas áreas cafeeiras do Norte do Paraná. *Boletim de Geografia*. (Maringá), v.4, p.28-71.
- BERRY, B. J. L. 1971. *Geografía de los centros de mercado y distribución al por menor*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives. 184p.

- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. 1975. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. São Paulo: Edanee, 295 p.
- CORRÊA, R. L. 1994. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 96 p. (Princípios, 168).
- _____. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. In: CARLOS, A. F. A. (org.). 1994. *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: Edusp. Cap. 14, p.323-359.
- DAMIANI, A. 1991. *Geografia e população*. São Paulo: Hucitec. 107p. (Caminhos da geografia)
- DIAS, L.C. 1996. O conceito de rede. *Cadernos da Semana de Geografia "As Redes e o Espaço Geográfico"*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, p.1-5.
- GUSSO, D.A. 1996. Perspectivas do desenvolvimento regional. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. (Curitiba), n.87, p.7-29.
- GEORGE, P. *Geografia Urbana*. São Paulo: Difel, 1983. 236 p. Tradução de: Précis de Geographis Urbaine.
- HILÁRIO, J. 1997. *Maringá: Jubileu de Ouro*. Maringá: Marco Antonio Publicidade. 283 p.
- IPARDES. 1983. *Nova configuração espacial do Paraná*. Curitiba.
- LE CORBUSIER. 1993. *A carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec/Edusp. (Estudos Urbanos). Não pag.
- LEÃO, I.Z.C.C. 1989. *O Paraná nos anos setenta*. Curitiba: IparDES. 133p.
- LUZ, F. 1980. *O fenômeno urbano numa zona pioneira*. São Paulo. 435 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. 1997. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*. Prefeitura Municipal. 215 p.
- MAACK, R. 1968. *Geografia Física do Estado do Paraná*. Curitiba: Badep/UFPR. 450 p.
- MARINGÁ. 1996. Prefeitura Municipal, Secretaria de Planejamento (Divisão de Modernização, Administrativa e Controle de Qualidade). *Perfil da Cidade de Maringá*. Maringá: s.n. 259 p.
- MARTINS, J. de S. 1994. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: HUCITEC. 174 p. (Ciências Sociais, 34).
- MENDES, C. M. 1992. *O edifício no jardim: Um plano destruído: A verticalização de Maringá*. São Paulo. 384 p. Tese (Doutoramento em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de São Paulo.
- MONBEIG, P. 1984. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec-Polis. 392 p.
- MULLER, N. L. 1956. Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. *Boletim Paulista de Geografia*, n.22, p.55-96.

- NICHOLLS, W.H. A fronteira agrícola na história recente do Brasil: o Estado do Paraná, 1920-65. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, (Curitiba), n.26, p.19-53.
- NORTE, ODISSÉIA E MILAGRE. 1967. *Revista Norte do Paraná*, n. 9, p.20 - 27.
- OLIVEIRA, A.U. 1995. Agricultura Brasileira - Transformações Recentes. In: ROSS, J.L.S.(org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, p.467-534.
- PADIS, A. 1981. *C. Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec. 235p.
- SAMPAIO, P. . 1980. *Capital estrangeiro e agricultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes140 p.
- SANTOS, M. 1996. *A natureza do espaço*. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec. 308 p.
- _____. 1979. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 345 p. Tradução de *L'espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sousdéveloppés*.
- SMITH, N. 1988. *Desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A.. 250 p. Tradução de: *Uneven Development*.
- SOJA, E. 1993. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 324 p. Tradução de: *Postmodern Geographies*.

1. O TURISMO COMO FENÔMENO URBANO

O termo *turismo* tem sido utilizado por diversos autores em função da diversidade da cidade de Maringá e sua rede urbana.

Na busca de uma compreensão da realidade cultural, os maringenses têm tentado se conectar com o passado e presente de sua formação através das várias manifestações de espaço de sua cidade, que tem um grande caráter social e cultural. Contudo, se existe dificuldade no acesso de sua infraestrutura pela existência de barreiras físicas e pela própria estrutura de desigualdade social e socioeconômica da cidade.

Maringá cidade que vem sendo formada a uma aglomeração urbana, compreendendo as atuais cidades de Maringá, Maringá e Paqueta, apresenta em sua configuração populacional em 1994 de aproximadamente setecentos mil habitantes. Vários setores estão sendo criados no sentido de proporcionar as atividades produtivas diversificadas, buscando-se o que historicamente pertenceu às suas condições. Por isso, considero o estudo de sua cultura um desafio.

Observa-se em Maringá, uma diversidade de paisagens em diferentes locais e setores, em contraposição ao resto do Estado e região, tanto a paisagem do passado, como dificuldades frente ao atual.

Para isso, é necessário compreender que parte se pode reconhecer do passado em sua atual configuração, através das paisagens, da população, da infraestrutura, dos setores

¹ Trabalho de investigação da disciplina de Geografia do Curso de Engenharia de Maringá - UNIVEST - Universidade Paulista, Maringá, para a disciplina de História, 1998, e apresentado sobre o tema "Maringá e sua Rede Urbana Regional" (1998/1999).